

**A ALTERIDADE ENTRE A RETÓRICA E A SEMÂNTICA:
ESCALAS DO DISCURSO SOBRE UM FENÔMENO MIGRATÓRIO.**

Michelle Maria Stakonski Cechinel¹

Resumo: O presente trabalho é um desdobramento inicial do projeto de tese intitulado “Trajetórias afrodiáspóricas: história e memória de migrantes ganeses em Criciúma”, aprovado no programa de pós-graduação em história da Universidade do Estado de Santa Catarina, PPGH-UDESC. Pretende-se, nesta comunicação, analisar a constituição de léxicos identitários em escalas de observações diferentes, partindo do estudo do fenômeno do deslocamento afrodiáspórico de ganesas e ganeses para a região de Criciúma, extremo sul catarinense, no Tempo Presente. Como arcabouço teórico-metodológico, utilizaremos a discussão sobre o conceito de “variações de escala” em Jacques Revel (1998) e Paul Ricoeur (2007) e os conceitos de “representação”, “evento” e “estrutura”, que evidenciam escalas temporais distintas em Koselleck (2011). O argumento da presente comunicação está dividido em três seções, que equivalem à alternância de três escalas de observação diferentes: a desconstrução de uma noção essencialista de alteridade, a partir do conceito de “super-diversidade” de Vertovec (2007); a discussão da formação de uma “semântica do pânico” (COGO, 2013), como recurso discursivo jornalístico para a representação do fenômeno das mobilidades contemporâneas e em específico o deslocamento afrodiáspórico em Criciúma, que desestabiliza a retórica da “identidade migrante positivada” das migrações consideradas históricas, como as dos italianos e alemães (ZANINI, 2002) ; e, por fim, em escala micro, o acionamento e a “manipulação das identidades pessoais” a partir de Goffman (1980;1985). Intenta-se, na articulação das três escalas escolhidas, compreender como os marcadores étnicos impactam na construção dos discursos sobre as migrações contemporâneas e que contrapõem com as noções positivadas das migrações históricas europeias. Parte do intento, também, compreender, por fim, como estes migrantes africanos forjam e acionam suas próprias representações identitárias em um jogo de constituição de léxicos de alteridade.

Palavras-chave: Migrações contemporâneas. Léxicos identitários. Jogos de escala. História Tempo Presente. Criciúma.

INTRODUÇÃO

Akosua Ado² é membro de uma equipe de repórteres que escreve para a seção em hausá do portal de conteúdo online da Deutsche Welle (DW). Em 19 de novembro de 2016, Ado foi a *mawallafi* [autora] de uma reportagem sobre migrações intitulada *Ghana: Hijirar matasa zuwa kasashen wajeda* [Gana: a migração de jovens para países estrangeiros]. Na

¹ Mestra em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC em 2010. Doutoranda do programa de pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – PPGH-UDESC. Professora do departamento de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. E-mail: miiimss@gmail.com

² Todos os nomes de imigrantes ganeses no presente trabalho são pseudônimos, a fim de manter o anonimato dos mesmos. Os pseudônimos foram montados a partir da junção dos sobrenomes mais comuns em Gana, com os nomes mais comuns para pessoas que nasceram nos primeiros dias da semana.

breve matéria, veiculada na coluna *Zamantakewa* [Pensamento] do DW, a repórter debateu a problemática das imigrações ilegais, além de apresentar trechos de narrativas dramáticas do cotidiano de imigrantes e dados que quantificam o movimento diaspórico ganês. O diagnóstico oferecido pela matéria é revelador: as Nações Unidas estimam que, em 2015, cerca de 244 milhões de mulheres e homens, provenientes de diversas regiões do mundo, mas especialmente do oriente médio e do norte da África, estavam em trânsito internacional.

A própria entrevistadora integra o quadro por ela mesmo analisado. Ado mora e trabalha em Bonn, no sul da Alemanha, desde 2015, mas é natural da cidade de Acra, capital de Gana, onde, antes mesmo de ser conhecida por suas matérias em hausá no jornal alemão, era reconhecida pelo seu trabalho como Gimbiya, a jovem muçulmana radialista que apresentava um programa de variedades matinal, transmitido em língua inglesa, em uma famosa rádio FM local, a rádio Marhaba. Na Alemanha, Akosua Ado reúne uma série de marcadores sociais que criam sinais diacríticos, signos da diferença: imigrante, africana, muçulmana e negra. No deslocamento, Gimbiya descobriu que sua origem não é apenas a identificação de um Estado-nação, sua origem é etnizada.

Kwesi Assan também é imigrante de origem ganesa e professa a fé islâmica. Assan se deslocou para Criciúma, cidade do extremo sul do estado de Santa Catarina, em 2015. No Brasil, abrigou em sua casa cerca de sessenta e cinco outros imigrantes muçulmanos, que chegaram a Criciúma após ele ter se estabelecido. Hoje é Sakura, líder da Associação da Comunidade dos Ganeses de Criciúma (COGACRI), entidade que busca criar um espaço de luta em prol dos direitos dos imigrantes, e, principalmente, combater um tipo de preconceito desconhecido antes das suas trajetórias diaspóricas, o racismo. No deslocamento, Kwesi Assan se descobriu negro.

No Brasil ou na Alemanha, o fenômeno migratório está na ordem do dia. As complexas conjunturas políticas pós-coloniais e a iminente crise do capitalismo são questões que contribuíram para a emergência de novos fluxos migratórios contemporâneos, que criam conexões entre o local e o global e são responsáveis pelo que Vertovec (2007) chama de “diversificação da diversidade” e de “supermobilidade”. Este panorama não pode ser ignorado, os sujeitos se deslocam, criam novas redes e ao invés de o contato com a alteridade incentivar a discussão do abrandamento das nossas tensões fronteiriças, o que se identifica é

diametralmente oposto: a ampliação dos discursos, cada dia mais solidificados, de enrijecimento das fronteiras das comunidades imaginadas.

Na esteira das discussões sobre migrações contemporâneas e a construção de discursos sobre alteridade, o presente artigo intenta fazer um estudo sobre alguns aspectos da inserção de Criciúma em uma nova rota de migração transnacional no tempo presente: a cidade - que construiu uma memória histórica da colonização italiana e que, desde a década de 60, é reconhecida como ponto de início de deslocamento de emigrantes para Itália e Estados Unidos - vem se destacando, desde 2014, como ponto de chegada na rota de trajetórias afrodiaspóricas (Cf. ASSIS, 1995, 2004; CAMPOS, 2007, 2015). Tal mudança de fluxo impacta de modo singular em um município que investe na construção de uma identidade etnizada que exalta um tipo ideal de imigrante, o europeu.

Para analisar este fenômeno migratório singular, que enquadra tantas estruturas de temporalidades diferentes, utilizaremos a discussão de Paul Ricoeur (2007) sobre o conceito de “jogos de escala”, cunhado pelo historiador Jacques Revel. Para Ricoeur, a impossibilidade de fazer uma história totalizante se deve ao fato de que o olhar supostamente abrangente não consegue captar uma representação definitiva da realidade social, pois esta não é a mesma dependendo da perspectiva em que o olhar historiador paira. Deste modo, as variações da escala têm por finalidade identificar sistemas contextuais nos quais se inscrevem os jogos sociais. A mudança de escala é analogamente comparada à função de uma lupa: a escolha de um enquadramento e sua conseqüente ampliação trazem à tona elementos inacessíveis em um olhar macroscópico. Portanto, para Ricoeur, a “ideia chave ligada à variação de escalas é que não são os mesmos encadeamentos que são visíveis quando mudamos de escala, mas conexões que passaram despercebidas na escala macro-histórica” (2007, p. 221).

Além da utilização da variação de escalas, como pressuposto teórico-metodológico de análise, a fim de historicizar os eventos observados em panoramas diferentes, optou-se por utilizar, nesta pesquisa, as discussões de Koselleck sobre as relações entre “evento e estrutura” na representação historiadora, pois estas têm “no campo da experiência do movimento histórico, diferentes extensões temporais que são problematizadas exclusivamente pela história como ciência” (2011, p. 137). Para Koselleck, “[...] as estruturas permanecem supra individuais e intersubjetivas” (2011, p. 135), pois sua constância temporal ultrapassa cronologicamente o campo de experiência empírica dos indivíduos, ao contrário da natureza

do evento que é intrínseca à existência de sujeitos. Evento e estrutura, portanto, exigem aproximações epistemológicas diferentes.

Neste sentido, nas diferentes escalas analisadas e sob o pressuposto de que há conjunturas e eventos de temporalidades diferentes que constituem a realidade a que nos propomos representar historicamente, outros conceitos, da área da história e da antropologia serão operacionalizados no decorrer do texto. Entre eles, os conceitos de Identidade e Identificação em Stuart Hall (2003; 2008), Homi K. Bhabha (2007) e Ervin Goffman (1980; 1985); o conceito de Diáspora em James Clifford (1994) e Stuart Hall (2003; 2006); Superdiversidade em Vertovec (2007); Semântica do Pânico em Denise Cogo (2013) e Teun Van Djick (2007) e Transnacionalismo em Nina Glick Schiller (1994) e Abdelmalek Sayad (1998).

O argumento será dividido em três seções, que equivalerão à alternância e à articulação de três escalas de observação diferentes: a primeira seção, doravante identificada como a escala maior, problematizará, de modo introdutório, as noções de identidade no deslocamento migratório global no tempo presente, a partir de dois estratos de temporalidade diferentes: a constituição de uma noção de imigração em uma estrutura fronteiriça que permitiu o enrijecimento das identidades nacionais, binárias e de exclusão de alteridade; e, como evento temporalmente mais breve e desestabilizador das identidades historicamente constituídas, a supermobilidade dos deslocamentos migratórios que impactam nas sociedades criando os chamados espaços de super-diversidade (VERTOVEC, 2007), onde a identidade é hifenizada e intervalar (BHABHA, 1998).

A segunda seção abordará uma escala menor de observação, e no enquadramento escolhido por este artigo, uma escala intermediária: a desestabilização do conceito simbólico e social de “imigrante”, constituído historicamente na região de Criciúma pela memória da italianidade, após a chegada de cerca de dois mil homens e mulheres de origem ganesa na cidade. A fim de compreender a sensível mudança na construção de léxicos e significados compartilhados acerca do imigrante e sua trajetória na história, serão observados, a partir das representações da mídia, dois fenômenos de temporalidades diferentes: a conjuntura de uma retórica da identidade que se exprime em narrativas que criam e se apropriam de sinais diacríticos que valorizam a noção de imigração a partir da sua vinculação a uma saga, como a dos italianos no século XIX, a dos descendentes de italianos e dos retornados dos séculos XX

e XXI; e, como representação de um evento de temporalidade mais próxima, a formação da noção de um “novo imigrante”, a partir da construção de uma “semântica do pânico” (COGO, 2013), como recurso jornalístico para a representação do fenômeno migratório no tempo presente que desestabiliza a retórica da identidade migrante positivada.

Por fim, a terceira parte deste texto abordará arranjos e rearranjos sociais que se constituem em jogos de identidade pessoal, dos próprios deslocados em solo criciumense. A terceira escala, doravante caracterizada como escala menor, terá como base teórico-metodológica o conceito de Goffman (1985; 1988) de manipulação de identidades. Se ao grupo migrante são atribuídos alguns sinais diacríticos, estes também são aprendidos, estimulados e acionados. Um jogo se instaura, modificando as regras de sociabilidade: o que está em questão é a natureza performativa das identidades diferenciais, com a construção e reconstrução de sinais diacríticos pelos próprios imigrantes.

As três escalas acionadas pelo presente trabalho, foram escolhidas de modo discricionário. Esta escolha metodológica e epistemológica, que pretende abordar noções de identidade e identificações em diversos planos de observação, prioriza a noção dialética entre as escalas, com seus eventos e estruturas dinâmicas.

A IMIGRANTE-PROBLEMA À “DIVERSIDADE DA DIVERSIDADE”

Jojo Gbeho tem 37 anos, trabalha em uma lanchonete em Nova Iorque e é, não por acaso, morador de West Bronx, lugar que escolheu por uma dupla preocupação, econômica e social. Além de aluguéis mais baratos e proximidade do centro nervoso da cidade de Nova Iorque, o West Bronx é considerado um “enclave étnico”. Em seu perfil em rede social vemos algumas fotografias que mostram a bandeira dos Estados Unidos e fotos de vários pontos turísticos de uma das cidades mais cosmopolitas da América. Apesar de sua aparente liberdade de trânsito, Gbeho convive com a tensão cotidiana de ser deportado: ele é imigrante ilegal, oriundo da cidade de Wa, em Gana.

O país de Gbeho é um dos beneficiados do programa AGOA, promulgado no ano 2000 pelo ex-presidente estadunidense Bill Clinton. O programa AGOA, também conhecido como “Lei de Crescimento e Oportunidades para a África”, permite que trinta e nove, dos cinquenta e quatro países africanos, exportem produtos sem impostos e pagamento de taxas aduaneiras. O programa foi renovado por mais 15 anos em 2015, pelo então presidente Barack

Obama, pois, ao que tudo indica, a circulação de bens e produtos entre Estados Unidos e África é um negócio vantajoso. Gbeho não tem esperanças de conseguir um Green Card; a princípio, o fato parece indicar que a circulação de pessoas não é vista com o mesmo peso que a de mercadorias.

Para Zygmunt Bauman, embora as ações humanas, no tempo presente, se articulem em macro-escala, por conta de a “globalização estar na ordem do dia” (1998, p.7), o modo como as fronteiras se definem e como é definido o que está “dentro” e o que está “fora” indicam que os efeitos da globalização não são os mesmos para todos os sujeitos. O que se constata é uma grande diferenciação entre os sujeitos extraterritoriais, vistos como cosmopolitas e controladores do poder, e os homens e mulheres das margens, presos à localidade, limitados por fronteiras físicas e simbólicas. Os indesejados que não são aceitos pelo controle de imigração de outros Estados-Nacionais.

A formação das fronteiras de Estado-Nação, tal qual reconhecemos hoje, ou seja, comunidades imaginadas com fronteiras delimitadas, que representam um território com soberania política e de uma identidade nacional própria, remonta a um processo de longa duração: se determinarmos seu nascimento com a formação do primeiro Estado Absoluto, o Estado Português, definiremos seu início no século XV e o seu fim no século XIX, com o processo de unificações da Alemanha e Itália.

Para o antropólogo Abdelmalek Sayad (1998), o fenômeno do deslocamento humano está intimamente ligado à desestabilização das fronteiras e dos Estados-Nação, pois migrar é renunciar a um Estado autônomo, uma unidade territorial e um povo, é tornar-se o termo ausente em sua terra natal e o termo estrangeiro em uma outra ordem nacional. Na visão de Sayad, a construção da alteridade migrante em termos globais se dá a partir de uma lógica economicista de custos e benefícios: o imigrante faz parte da dinâmica das sociedades globalizadas, mas a função social que lhe é atribuída, na sociedade receptora, é exclusivamente econômica e técnica. Para o autor, “[...] um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito” (1998, p. 54).

O fato de a condição migrante poder ser revogada a qualquer instante confere a estes um tratamento de provisoriedade. A transitoriedade se traduz, entre outros, no arrefecimento da discussão sobre leis que possam legitimar a permanência destes e na intensificação da sensação de limbo social. Se o imigrante trabalhador pode ser considerado “um mal

necessário”, o mesmo não se pode afirmar com relação a presença de imigrantes desempregados, sua presença é tornada ilegítima, e imediatamente ele é associado à categoria de problema social. Somente após a construção desta identidade migrante pejorativa é que a imigração se constituiu em um objeto de estudo para as ciências humanas, em especial para a sociologia, de modo que toda a discussão inicial da área teve como base teórica a tentativa de compreender a formação deste “problema social” nas sociedades que recebiam imigrantes em massa.

Apesar dos avanços das teorias sobre deslocamentos, diásporas e transnacionalismos, e o amplo debate sobre a temática, Sayad observa as formas que associamos certos grupos sociais à certos tipos de problemas sociais constituem-se enquanto “[...] o índice mais claro de que a problemática da pesquisa, tal como é encomendada e tal como é conduzida, encontra-se em conformidade e em continuidade direta com a percepção social que se tem da imigração e do imigrante”. (1998, p. 57).

A diferença não se dá apenas na ordem econômica. A visão do outro, o encontro com o que não é familiar, contribui para o recrudescimento do olhar etnocêntrico. Entretanto, para Steven Vertovec (1997), a estrutura da formação dos Estados-Nação e das fronteiras culturais, que criam discursos pejorativos sobre o imigrante, ao passo que fortalecem identidades nacionais, tendem a se abalar com o evento da super mobilidade, causada pela grande massa de migrantes que se deslocam no tempo presente.

A questão da imigração está na ordem do dia, e as categorias até então utilizadas para a caracterização dos migrantes parecem não dar mais conta do fenômeno da “diversidade da diversidade” do nosso mundo globalizado. É, portanto, o processo de complexificação da diversidade, causado pelo movimento diaspórico de sujeitos de várias partes do mundo, que gera esse novo fenômeno de superdiversidade. Neste sentido, Vertovec, pensando no panorama no contexto migratório do início da década de 90 do século passado na Grã-Bretanha, afirma que:

in the last decade the proliferation and mutually conditioning effects of additional variables shows that it is not enough to see diversity only in terms of ethnicity [...]. Such additional variables include differential immigration statuses and their concomitant entitlements and restrictions of rights, divergent labour market experiences, discrete gender and age profiles, patterns of spatial distribution, and mixed local area responses by service providers and residents. Rarely are these factors described side by side. The

interplay of these factors is what is meant here, in summary fashion, by the notion of ‘super-diversity’ [1997, p. 1025]

Apesar de o autor cunhar o termo no contexto da análise de um panorama migratório específico, o conceito de superdiversidade vem sendo utilizado pela literatura sobre diáspora, transnacionalismo e migrações contemporâneas de modo a engendrar uma nova categoria analítica. Tratar a “diversidade da diversidade” como uma categoria analítica ajuda a interpretar esse novo evento do tempo presente, que rompe com as noções binárias de identidade étnica tão introjetadas nos discursos midiáticos, jurídicos e institucionais. Tais discursos articulavam de modo monocausal Estado-Nação à etnia e, a partir desta articulação, transformada em essência, limitavam a explicação das dinâmicas sociais dos imigrantes e de suas identidades fragmentadas.

Os problemas da noção de fronteira entre Estados-Nação, que permite a livre circulação de bens e mercadorias e limita a circulação de sujeitos diaspóricos; a questão da etnização essencializadora do olhar etnocêntrico no país receptor; a problemática dos léxicos pejorativos e da associação valorativa do migrante ao trabalho continuam reverberando em suas temporalidades distintas. Abordar tais questões, operacionalizando, no entanto, a noção de superdiversidade na pesquisa histórica, permite olhar o imigrante como sujeito que não pode ser reduzido à etnicização de sua origem, nem simbolicamente valorizado ou depreciado pela sua força de mão-de-obra. Tal procedimento permite um deslocamento de olhar que pode ajudar a desconstruir as noções tão binárias das identidades nacionais, entre o eu e o outro.

A CONSTITUIÇÃO DE UMA SEMÂNTICA DO PÂNICO

Diametralmente oposto ao que se observa em escala maior, a constituição de um léxico pejorativo para a definição da alteridade migrante, em Criciúma, é fenômeno recente. Na cidade, observa-se a tentativa de constituição de uma memória histórica heroica da saga dos migrantes, a partir de inúmeros mecanismos que envolvem os discursos midiáticos que fortalecem a constituição de memórias coletivas e políticas institucionais, como a construção de praças destinadas ao “mosaico étnico da cidade”; festas realizadas pela prefeitura em homenagem aos imigrantes pioneiros; políticas de valorização de circuitos gastronômicos de

comidas típicas das etnias que fundaram a cidade e leis de incentivo a italianidade que patrocinam Associações e Circulos Italianos³.

Excetuando-se o fato de que praticamente todos os Estados-Nação, e suas unidades territoriais menores, forjam a constituição de uma história de origem, que prima por constituir uma saga vitoriosa, positivada e epopeica de seus pioneiros, o caso de Criciúma ainda é particular, pois ultrapassa a noção de invenção da origem mítica/heroica da cidade. A retórica da identidade positivada do migrante reverbera nos contextos migratórios mais recentes, de homens e mulheres que se deslocaram para a Europa e Estados Unidos, no século XX, e dos que retornaram para investir na cidade. Imigrante desbravador, emigrante audacioso, retornado investidor. As três categorias são positivadas.

Em se tratando da categoria de “imigrante desbravador”, a reivindicação identitária se revela fortemente no sítio virtual da Câmara dos Vereadores da Prefeitura Municipal de Criciúma, que disponibiliza o acesso a um texto chamado “A história da cidade”, escrito por Archimedes Napolini Filho, um memorialista da região. Entre os dados sobre a localidade de origem dos primeiros fundadores, datas e feitos históricos dos pioneiros, encontra-se a seguinte descrição:

[...] A saudade deve ter sido descabidamente grande. Mas a italianada suportou. E cada lágrima foi colhida para regar a esperança de um grandioso futuro para os seus descendentes. E foi assim, de lágrima em lágrima, de saudade e de alegria, de dor e de esperança que ‘Criciúma nasceste menina, foi teu berço plasmado em carvão’ e hoje és esta aurora que brilha na constelação brasileira orgulhando a velha Itália por teres sido fundada por seus filhos no janeiro de 122 anos atrás [...] Auguri, italiani! Parabéns Criciúma!

No fragmento acima, percebe-se a tentativa de acionar uma memória de uma Itália imaginada, aquela que se orgulharia dos feitos de seus desterrados. O fio condutor da narrativa, composta por Napolini Filho, é encharcado da noção de pertencimento que alimenta o mito de origem: a saudade da *homeland*, o fazer desbravador, a dramaticidade da

³ Um exemplo da criação de leis para incentivo a italianidade é a lei nº 0161.6/2013 que declarou de utilidade pública o Circulo Bergamasco Di Rio Maina, cafés mensais realizados por descendentes de imigrantes italianos da região de Criciúma.

saga, a ligação com a Itália. Um universo de construção de elementos que farão da italianidade (ou, das italianidades) um agregador social.

Segundo a historiadora e antropóloga Maria Catarina Chitolina Zanini, em sua pesquisa sobre a italianidade no sul do Brasil, o que os descendentes buscam são “experiências étnicas que conduziriam a uma valorização de si mesmos” (2002, p. 200). Valorização que promoveria, de acordo com Zanini, a estetização da vida e agregaria capital simbólico aos descendentes devido à formação de redes de distinção social. Tais redes se constituíam a partir da elaboração e da propagação de sinais diacríticos que diferenciariam a tradição de sua etnia.

Ainda sobre o texto publicado no portal da cidade de Criciúma, um dos trechos que chama a atenção pelo caráter fortemente etnocêntrico e datado é o seguinte: “Fala-se da presença de bugres mas, com certeza, estes foram os que menos incomodaram haja vista que [...] nossos silvícolas já tinham, praticamente, sido expulsos de todo o litoral. Onças e outros animais silvestres [é que] faziam arrepiar os cabelos dos nossos colonizadores”.

A utilização dos termos *bugre* e *silvícola*, a rasa definição das tensões entre os habitantes da região e os colonos italianos que adentraram estas terras, bem como a aproximação da definição entre *animal selvagem* e *indígenas*, demonstra uma incapacidade de compreender estes sujeitos como essenciais à escrita da história da região. Estes são, em uma leitura etnizada de uma sociedade que parece reproduzir traços de discursos de um *darwinismo social* ainda não completamente soterrado, anulados em detrimento da construção de uma memória vencedora do Europeu.

A construção de uma identidade fortemente positivada, ligada em especial à noção de italianidade, constituiu uma estrutura simbólica de distinção social na cidade. Posteriormente, a noção simbólica de sucesso dos emigrantes que partem para fora do Brasil e enviam remessas para suas famílias e/ou retornam para investir em solo criciumense passou a fazer parte do discurso que enrijeceu a noção positiva da figura do migrante.

Entre construções de uma “nova Itália”, emigrantes ambiciosos e retornados investidores, a “semente cresceu e deu bons frutos”. A cidade de Criciúma conta com cerca de 209.153 habitantes, segundo os dados do último censo do IBGE. Uma cidade de porte médio, que já teve uma importância maior no cenário catarinense, por conta da extração do carvão, atividade que fomentou a economia do Estado de meados da década de 40 até a década de 70

do século passado. Tal preâmbulo com relação à perda de estabilidade econômica da cidade de Criciúma é importante para situar o estranhamento que a escolha de deslocamento de mais de três mil homens e mulheres provenientes do Haiti e de diversas regiões da África causou na sociedade criciumense. A própria secretária da pasta de Assistência Social, Solange Barp, afirma que, no sul de Santa Catarina, a cidade que mais abrigou imigrantes foi Criciúma, e o maior *surto* de imigrantes foi em julho de 2014, quando Criciúma recebeu 600 imigrantes de uma só vez. Dentre os imigrantes de origem africana, a comunidade Ganesa é a maior, e já contou com de 2.000 (dois mil) homens e mulheres vivendo em solo criciumense. Hoje a estimativa é que haja cerca de 500 ganeses vivendo em Criciúma. É a partir de 2010 que se observa um recrudescimento dos discursos jornalísticos sobre a imagem do migrante, um novo tipo de sujeito diaspórico, agora desprovido dos léxicos positivados.

Se, até então, a representação do migrante veiculada nos jornais impressos, portais digitais e rádios da cidade enfatizavam uma identidade heroica, começa-se a perceber um deslocamento de discurso. Ao analisar as falas de algumas reportagens coletadas no período de 2010 a 2016, observa-se a construção de discursos de alteridade que vêm produzindo subjetivamente espaços de tensões culturais e imaginários sobre a figura do africano. Esses discursos demonstram uma sensível mudança no enfoque anteriormente dado à figura do imigrante.

Segundo Denise Cogo (2013), o imaginário midiático é o fator preponderante na construção da alteridade migratória. Em sua pesquisa sobre o modo como a mídia “construiu enquadramentos” sobre os imigrantes Haitianos, Cogo identificou um imaginário midiático que construía a alteridade migratória destes novos sujeitos migrantes de modo a serem representados como desprovidos dos sinais diacríticos folclorizados e positivados dos migrantes históricos. Em suas análises, Cogo percebeu que as manchetes que condenavam assertivamente a chegada dos imigrantes haitianos constituíam um mecanismo discursivo de uma *semântica do pânico*⁴ que visava desestabilizar as políticas migratórias e balizar a opinião pública.

O mesmo também pode ser identificado nos discursos veiculados na mídia criciumense: a construção de recortes discursivos que acentuavam características negativas da presença dos imigrantes africanos e caribenhos, utilizando léxicos pejorativos e associando

⁴ Segundo Cogo, este conceito é baseado na discussão de Teun Van Djick (1997) sobre o discurso da imprensa nos países baixos.

estes a um problema social, reproduziam uma *semântica do pânico* de modo regional. Manchetes como “A situação é dramática”; “Situação de estrangeiros na região está crítica. Prefeitura comprará passagens para mandá-los a outro lugar”; “Criciúma teme não receber mais pessoas”; “Alerta para novos imigrantes”; “Vinda de novos imigrantes preocupa município”; “Surto de Ebola na África deixa a região em alerta”⁵ confirmam a hipótese de que os sujeitos de origem caribenha e africana, que se deslocam para Criciúma no tempo presente, são identificados como visivelmente diferentes dos imigrantes europeus que se deslocaram no século XIX, longe de serem alçados àquela mesma categoria empreendedora dos que saíram e retornaram para Criciúma no século XX. Nesta conjuntura de eventos como o da diáspora africana, o papel da mídia na formação de discursos de representação constrói outro imaginário sobre o imigrante na cidade das etnias, desta vez, um sujeito cuja saga não importa, não emociona e apenas tensiona.

ACIONAMENTOS IDENTITÁRIOS E REARRANJOS SOCIAIS

Nem herói, nem problema social. Para Kwesi Assan, tudo que importa é ter autonomia para fazer da provisoriedade uma temporalidade de longa duração. Logo que desembarcou no Brasil, Assan descobriu que na Diáspora sua identidade se fragmenta. Tal fragmentação impulsiona uma mudança ontológica. O significado ontológico de ser ganês se modifica em trânsito: se um sujeito que se identifica como ganês na África é visto, acima de tudo, como um cidadão pertencente a um Estado-Nação soberano, no deslocamento sua identidade nacional se modifica, a alteridade atribuí a este sujeito um símbolo diferente para o seu pertencimento: o ganês é, antes de tudo, enquadrado em um grupo étnico.

E este é constituído por sinais diacríticos que incluem marcadores sociais outrora desconhecidos nas trajetórias anteriores dos sujeitos. No caso de Kwesi Assan, a cor de pele constitui um marcador social outrora pouco acionado. É na Diáspora que Assan se descobre negro e descobre que o racismo dificulta ainda mais o abrandamento das fronteiras. Os imigrantes ganeses, personagens do presente artigo, podem ser situados nas margens deslizantes do deslocamento cultural (BHABHA, 2007), pois, entre outros fatores, o estranhamento com relação aos discursos de alteridade observados nos jornais, as políticas

⁵ Manchetes publicadas nos seguintes portais: Portal Criciumanews em 04 de julho de 2015; Portal Engeplus em 28 de maio de 2015; Portal Engeplus em 28 de maio de 2015; Portal Engeplus em 28 de maio de 2015; Portal G1 em 27 de maio de 2015; Portal Jornal A Tribuna em 28 de maio de 2015; Portal Jornal A Tribuna em 28 de maio de 2015; Portal Jornal A Tribuna em 28 de maio de 2015; Portal da rádio Difusora em 17 de maio de 2015.

públicas adotadas que reforçam estereótipos sobre o outro africano e o cotidiano de recrudescimento de tensões raciais na cidade os inserem em um contexto etnicorracial desconhecido em seu país de origem.

Assim como Assan, seus colegas ganeses também reinventam tensões religiosas e étnicas, traduzindo, negociando e criando símbolos de diferença e de aproximação, forjando territorialidades próprias em Criciúma. Há, nesses fenômenos, uma recusa dos traços étnicos e raciais “inscritos na lápide fixa da tradição” (BHABHA, 2007, p. 20). As negociações culturais se definem, portanto, como espaços frágeis que desafiam a noção de identidade imóvel e unificada, bem como a noção de diferença. Se, para Stuart Hall, a diáspora contemporânea é caracterizada como o tipo de fenômeno migratório ocorrido no período pós-colonial, e, portanto, também dependente das rupturas descoloniais e permanências coloniais, este fenômeno contemporâneo de migração pode ser percebido, também, enquanto categoria que possibilita fragmentações de identidade, pois o sujeito em trânsito, por sua essência, passa a viver necessariamente experiências transculturais e híbridas.

Em entrevista no mês de fevereiro de 2016, Kwesi Assan afirma não apenas ser proveniente da capital de Gana, Acra, como nunca ter saído de sua cidade. Também relatou que, assim que chegou a Criciúma, coincidentemente encontrou cinco amigos que conhecia antes de se deslocar para cá. No entanto, ao analisar algumas documentações, o currículo vitae de Assan chama a atenção para um detalhe inesperado: os dados do currículo não batem com a entrevista, pois o colégio em que ele se formou fica na região de Sekondi-Takoradi, e não de Acra.

Pensando, pois, na manipulação do jogo social, o conceito de manipulação de identidades de Goffman (1985) pode ajudar a compreender as motivações desse acionamento de uma identidade que não corresponde à experiência do vivido. O autor define a interação social como uma espécie de peça de teatro: os sujeitos da inteiração *desempenham um papel*, ou *criam uma fachada* que é manipulada de acordo com o desejo de uma identidade coletiva a ela associada, construída e mediada.

Neste sentido, a fala de Assan pode esconder muitas intenções: a falta de paciência para explicar sobre sua pequena cidade, que a entrevistadora não conhecerá; a tentativa de pleitear uma maior valorização social ao se identificar como um morador da capital; a tentativa de esconder um passado que não quer expor; ou, simplesmente, o desejo de cunhar

um papel visto como ideal. Na teia dos entrecruzamentos temporais desta micro-escala, que observa fenômenos da ordem do cotidiano, a narrativa pessoal e a representação de si são muitas vezes mais fortes do que a experiência do vivido. O depoimento de Kwesi Assan transformou a representação do vivido na experiência do vivido.

APONTAMENTOS FINAIS

O presente artigo procurou fazer uma operação historiadora compreendendo encadeamentos temporais e conceituais diferentes, sob a ótica epistemológica das noções de “jogos de escala” (RICOUER, 2007) e os conceitos de “representação”, “evento” e “estrutura” (KOSSELECK, 2011), fim de analisar os impactos das migrações para a construção de discursos de identidade e alteridade. Mais especificamente, os impactos das migrações afrodiáspóricas de ganeses na cidade de Criciúma. Para tanto, optou-se por utilizar, como arcabouço teórico-metodológico, além das discussões em alternadas escalas e temporalidades, os conceitos de “super-diversidade” (VERTOVEC, 2007), semântica do pânico (COGO, 2013) e manipulação de identidades (GOFFMAN, 1985). Tais conceitos, essenciais para compreender como se deu, historicamente, a formação do discurso sobre o migrante, e como a diversidade, a linguagem e os jogos pessoais podem desconstruir estes discursos de representação identitária.

Em cada escala analisada, e discricionariamente, escolheu-se centrar o olhar sob o tema da construção e desconstrução de léxicos identitários da alteridade migrante. Ado, Gbeho e Assan são sujeitos de trajetórias diferentes, que representam momentos e histórias distintas que se diluem na conjuntura de um mesmo fenômeno: a sociedade de indivíduos que querem se mover, que desejam manipular bens de consumo, fronteiras, discursos e jogos de identidade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Glaucia de Oliveira. **“Estar aqui... estar lá”**. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ASSIS, Glaucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero na vivência dos novos migrantes brasileiros**. 2004. (Tese) UNICAMP.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

CAMPOS, Emerson César de. **As furadoras e a pretendida**: emigração brasileira não documentada para os Estados Unidos da América. In: Confluenze Vol. 7, No. 1, 2015;

CAMPOS, Emerson César de. **Estrangeiros em casa**: (re)sentimentos, impressões e identificações produzidas pelos emigrantes brasileiros clandestinos nos Estados Unidos, quando de volta para Santa Catarina (1995-2005). In: Anais da ANPUH. São Leopoldo: Unisinos, 2007

COGO, Denise & Maria Badet. **De braços abertos... A construção midiática da imigração qualificada e do Brasil como país de imigração**. IN: ARAÚJO, E., Fontes, M. & BENTO, S. (eds.) Para um debate sobre Mobilidade e Fuga de Cérebros. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho (2013), P. 32-57

CLIFFORD, James. **Diásporas. In: Routes: travel and translation in the late Twentieth Century**. Harvard University Press. p.247-279. 1994.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GOFFMAN: E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro do Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2011

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo, Unesp, 2001

SAYAD, Abdelmalek; MURACHCO, Cristina. **A Imigração**: ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHILLER, N. Glick; L. Basch; C. Blanc-Szanton. **Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity and Nationalism Reconsidered**, Annals of the New York Academy of Sciences, 645: 1-24; IX-XIV. 1994

VERTOVEC, Steven. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, 30: 6, 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.